



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425



Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

DE00442018AN



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

27 de Outubro de 2018 • Ano LXXV • N.º 1947
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Em Família

A parte da nossa família que está em Moçambique, a quatro dezenas de quilómetros da capital Maputo, tem estado no centro das nossas atenções. O motivo não se deve a qualquer especial predilecção, já que todas têm igual merecimento dos nossos cuidados, mas à sua principal necessidade de um padre que seja o pai da família e dos rapazes que a ela pertencem.

Na família, como sabemos, os seus membros encaixam nela das mais variadas formas, todos são diferentes e, por isso, põem expectativas e participação nela consoante as raízes que criaram e a solidez que lá mantêm, numa troca de vida que será verdadeira se o verbo servir for conjugado sempre no presente e em todas as pessoas.

A família é também uma realidade em permanente mudança: se hoje há um novo membro que dela passa a ser parte, amanhã há outro que se afasta, temporária ou definitivamente, do contacto directo com todo o grupo familiar.

Estas mudanças na família, embora possam criar um estado de crise, não podem ser causa que dê força para a destruir. Decerto que é necessário que os seus membros se ajustem às mudanças que a realidade mostra, todos têm que desinstalar em si alguns sentimentos e disposições que estavam assumidos interiormente como se definitivos fossem. É o dinamismo que a vida impõe, de outro modo não seria vida.

SINAIS

Padre Telmo

Ofaneca, conheci-o de menino, sentado na sua cadeira de tudo. Tinha uma mãozinha presa ao braço da cadeira com uma frágil tira de pano. Para ele, era uma corrente. Para os estranhos era uma prisão.

A seu lado estava outro menino com duas trancinhas, este comia a roupa. O Ofaneca é incontinente.

Ao telefone, um senhor engenheiro amigo pediu-me para passar oito dias no Calvário. Que sim, e veio. No segundo dia, pediu para passear os dois prisioneiros. Que sim.

Logo no princípio da rampa que leva aos pavilhões foi um desastre total. O da roupa, mastigava já meia manga da camisa. Ao Ofaneca foram três banhos: corpo, roupa e chão.

— Têm razão —, falou o meu amigo.

— Porque prenderam um parente nosso no hospital?

— Pergunte.

O Ofaneca ainda vive. Tem 50 anos. Só está feliz quando dorme ou está a comer.

É mais regular nas suas necessidades. Muitos o levam a passear nas ruas do Calvário. Não ri, nem chora. É o Ofaneca. □

Da família da Casa do Gaiato de Malanje



Este é todo um processo que compete à própria família conduzir, e que só pode admitir a interferência de estranhos se por ela forem solicitados. Ainda assim, um estranho, por muita boa vontade que tenha, não deixa de ser um estranho para a família e até para si mesmo naquele ambiente que não é o seu ambiente natural.

Por graça de Deus, da qual a nossa Obra nasceu e vive, veio o Padre Fernando dar-se-lhe, já com um bichinho interior a roer pelas terras onde a nossa Casa de Maputo está. A necessidade era evidente e a hora era chegada. Padre Fernando está já no meio, onde a vontade de Deus anda mais depressa que a resposta dos homens no

acolhê-la. Como Simeão, que acolheu o Menino Deus em seus braços, em sintonia no tempo e no espaço com a vontade de Deus, não há muitos. A maioria demora tempo a vencer a inércia, consequência da fragilidade humana.

Mas não é só esta parte da família da Obra da Rua que nos inquieta. Também o Calvário vem sofrendo há muito tempo de semelhante carência, e nós, embora confiantes, ainda não vislumbramos quem venha juntar a sua vida neste nosso braço familiar, dando-se para que ele tenha mais vida. Esperamos a hora de Deus, que chegará. Até lá vamos cumprindo, sendo certo que não demorará. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Recordando o Papa Paulo VI e Óscar Romero

Ao longo da História, com luzes e sombras, alegrias e esperanças, nascida do Pentecostes, a Igreja tem procurado ser a assembleia do Senhor, na qual Deus está vivo! Os cristãos são chamados a pôr em prática o que celebram na Eucaristia: a viver em comunhão, a estabelecer a justiça e a ver Cristo nos pobres. Ninguém pode estar em silêncio e desinteressado diante das escandalosas situações de miséria e pobreza no mundo. O Deus de Jesus Cristo é o Deus libertador do sofrimento — da enfermidade, do pecado e da morte.

Entre muitas figuras eclesiais do nosso tempo, que deram a sua vida pela Igreja e pelo seu povo (tantos rostos e nomes, muitos deles esquecidos...), no dia 14 de Outubro, Domingo, foram destacados dois grandes exemplos de santidade, que sonharam configurar a Igreja segundo o Evangelho. Hoje, justamente, o Papa Francisco canonizou o Papa Paulo VI [26-

IX-1897, 6-VIII-1978], cujo lema era *In nomine Domine* [Em nome do Senhor], levando a bom termo o II Concílio do Vaticano, e o Arcebispo Óscar Romero [15-VIII-1917, 24-III-1980], marcado pela opção preferencial pelos pobres (até ao martírio). Paulo VI e Romero foram grandes pastores de um século de mártires, que se inseriram num percurso importante de reforma da Igreja a caminho do cerne da identidade cristã, do qual indicamos de forma muito breve alguns protagonistas e momentos marcantes desde o século XIX.

A acção social da Igreja — a Caridade e a Justiça — está inscrita no código genético da vida dos cristãos desde as origens do Cristianismo e sintetizou-se nas obras de misericórdia. Foi-se diversificando, em função das necessidades humanas e estruturas das sociedades, e manifestou-se em muitos carismas e figuras de relevo.

Continua na página 3

VINDE VER!

Padre Quim

A família que me ampara

FIZ-SE noite apressada naquela tarde, quando chegaram notícias da enfermaria da nossa Casa. Lugar onde os nossos rapazes são assistidos quando se encontram adoentados. É lá onde o desejo da cura é associado aos fármacos para que haja melhorias no campo da saúde. É um dos sectores das nossas instalações que comunica esperança e alento aos que por circunstâncias e força da doença ali se encontram hospedados transitoriamente a fim de serem confortados pelo carinho das Irmãs do Santíssimo Salvador que prestam serviços de saúde na hora da doença e do olhar atento de todos os rapazes nos momentos das visitas. Um senhor Bispo dizia, quando me encontrava a estudar no tempo do Seminário Maior, que “o olhar do teu irmão é saúde”. Os rapazes não tiveram aulas sobre este assunto, mas executam perfeitamente o seu conteúdo teórico.

Outra vez a porta do escritório é golpeada, passava já das 11 horas da noite quando vieram comunicar sobre o agravamento do estado de saúde de um dos rapazes. Fui logo buscar o termómetro que assustou ainda mais, marcando 40,7 de febre. Corremos ao Hospital Central de Benguela. Horas seguidas junto à cama do pequeno em sofrimento. Só às 2 da manhã, veio o médico com o resultado das análises, em mão uma radiografia. O problema estava na zona torácica — uma pneumonia. Volto para Casa em meditação: a família é tudo, é de todas as horas da vida! Faça sol ou chuva. Bendito seja o nosso bom Deus. O novo dia já nasceu e com ele a esperança de ver regressar a Casa o nosso rapaz.

Um senhor passou pela nossa Casa e viu e apreciou o estilo de família que somos e pediu uma sala para ministrar um curso de inglês aos nossos rapazes do nono ano de forma gratuita. Passados alguns dias já é notável o aprendizado. Deixaremos de ir à cidade matricular rapazes neste curso. Serve de complemento às lições que são ministradas no sistema de ensino geral. Tudo acontece com o pensamento posto na preparação dos rapazes para a sua vida autónoma. Garantir competências para que estas crianças de hoje, amanhã venham a viver com uma qualidade de vida digna em vista ao autogoverno é trabalho de todos os dias e objecto de desgaste físico e mental.

Os rapazes encaminham-se para a última fase de estudos deste ano lectivo. E há também na escola outros tantos assuntos diariamente por concertar. Esperamos bons frutos depois de uma longa sementeira no campo da inteligência e da emoção.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Nuno Machado

CASA-MÃE — Chegou um novo «Batatinha» que se chama Amadu. Ele tem 7 anos e brinca muito no parque. Ele gosta muito de ler e também gosta de jogar a bola. Os gaiatos ficaram orgulhosos da sua chegada. Estamos a contar com ele para a nossa equipa de futsal. Ele vai começar a ir à escola, esperamos que seja um bom aluno para preparar bem o seu futuro.

VACARIA — Acabou de nascer o sexto vitelo na nossa vacaria. Três são castanhos e os outros três são pretos e brancos. Todos eles são machos. Agora, quem está a tomar conta das vacas é o «Guga». Todos os dias tira o leite às vacas para nós gaiatos o bebermos ao pequeno-almoço. Ele gosta muito dos animais e trata deles com alegria. Este é o seu novo trabalho.

FUTEBOL — Mais uma vez jogamos em casa, contra a equipa do Cruzeiro. Perdemos por 2 – 1. O nosso marcador foi o «Joaninha». A nossa equipa de futebol de 11 está a procurar melhorar para obter uma vitória. O treinador é o Miguel. É preciso muita preparação e muita qualidade nos jogadores. Eles vão conseguir.

VINDIMA — Já fizemos a nossa recolha de uvas. Já apanhamos todas as que estavam boas. Demorou só um dia. O Mendão fez com elas o vinho, e agora está a fermentar. A maior parte das videiras fica na mata, mas também há nas bordas dos campos. Foi um ano muito fraco de uvas porque muitas se queimaram com o sol do Verão.

PAI AMÉRICO — No dia 23 comemoramos o aniversário de Pai Américo. Foi há 131 anos que nasceu em Galegos, na casa do Bairro, onde vivia a sua família. Com o seu nascimento ficaram a ser oito irmãos. Eram sete rapazes e uma menina. Pai Américo foi uma pessoa muito importante porque fez muitas obras para os pobres e as Casas do Gaiato para os rapazes da rua. O seu nome completo é Américo Monteiro de Aguiar. □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

Uma vez mais apelamos aos vossos corações, para que nos continuem a ajudar, para conseguirmos manter a ajuda aos nossos irmãos mais carenciados.

O confrade deve ser um cristão, como tal, deve saber os mandamentos e um deles diz-nos que devemos dar de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede. Ora, nós vicentinos, temos a obrigação e o dever de assim sermos, mas todos sabemos que existe muita gente que não sabe os mandamentos, mas pratica, como o Evangelho nos pede.

Existe muito mais que Deus nos pede que nós façamos pelos nossos pobres. Nós, vicentinos, tentamos dar o nosso melhor, visitamos e conversamos, ouvindo os seus problemas, mas como diz o povo “*sem ovos não se fazem omeletes*”, por isso, amigos leitores, contamos com a vossa ajuda, dentro das vossas possibilidades.

Ser confrade é uma grande virtude, mas também um grande dever de lealdade. Como tal, todos somos irmãos em Deus; como tal, ao sermos irmãos, temos obrigação de ajudar os mais carenciados que por circunstâncias da vida, se encontram em pior situação que a nossa, porque é isso que um irmão faz. Se todos contribuirmos com alguma coisa, para podermos distribuir pelos pobres, não havia tanta miséria, como a que existe, na nossa sociedade tão materialista.

Pai Américo escreve no Livro *Pão dos Pobres*, 1º volume:

«A Caridade, porém, não protesta nem se queixa; sofre, confia, espera. Este verbo universal que anda no coração de toda a gente, é a palavra da Sopa de hoje — Esperança. Sim, eu espero na simpatia activa e compassiva de quem nos lê; espero naquela boa vontade que sabe multiplicar e repartir o pouquinho que tem de seu; espero absolutamente na Providência do nosso Bom Deus, Vivo, Pessoal, Inteligente, de cujo seio caem todas as esmolas da Sopa, como caiu outrora, na mesa do Povo escolhido, o pão do deserto; espero ainda que Ele me conduza, de preferência, àquelas casas onde há doença na cama e revolta nos corações, porque falta o azeite na candeia e o sal na cozinha; espero, finalmente, ter muita pureza nos olhos, muita rectidão na consciência, muita justiça no dar.

Senhor Vivo do Evangelho: aquela Luz que o ceguinho de Jericó pedia e recebeu, essa seja a Luz que guie as minhas passadas no amor aos Pobres do mundo; e me dê o apetite de os servir cada vez mais e melhor».

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Carminda Coelho, 300€; M. Fátima Vieira, 100€; António Tereso, 50€; Mário Augusto, 300€; António Magalhães, 5€; M. Isabel Magalhães, 30€; M. José Pinheiro, 30€.

Em nome dos nossos irmãos mais carenciados o nosso muito obrigado, pela vossa ajuda e palavras amigas.

O nosso NIB: 0010 0000 4417 8020 0015 8

O nosso endereço: Conferência S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 4200-299 Porto. □



MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

FURACÃO LESLIE — Na noite de 13 para 14 de Outubro, com um período crítico entre as 10:30h e as 3:00h, houve uma grande tempestade com a passagem em Portugal do furacão *Leslie*, cujos ventos muito fortes atingiram o seu máximo na Figueira da Foz (176 Km por hora). Tratou-se de um ciclone tropical atlântico e o mais forte que atingiu o território continental desde 1842. Afectou em especial a Zona Centro, nomeadamente os concelhos litorais do distrito de Coimbra e os distritos de Aveiro, Leiria e Viseu. Deixou marcas negativas e fez muitos estragos: pessoas feridas e desalojadas, habitações destruídas, árvores derrubadas, estradas interditadas e falta de energia eléctrica. Este furacão também se sentiu na área da nossa Casa e as rajadas de ventos fortes metiam medo. Algumas árvores e alguns

telhados não resistiram, verificando-se a queda de algumas fruteiras no nosso pomar e telhas levantadas.

AGROPECUÁRIA — No nosso campo de milho-grão, temos andado a apanhar espigas e a guardá-las no celeiro. Nessa zona do *campinho* (*terra dos grilos*), outras tarefas foram feitas: limpavam-se as oliveiras e cortaram-se as ervas daninhas nas barreiras à volta dos terrenos, a nascente da rotunda Pai Américo até à linha de caminho-de-ferro (sem comboios a circular...). Depois, tem-se andado a limpar o ribeiro, da vegetação que caiu da outra margem para o nosso lado... Depois do furacão, tiveram de se cortar e arrumar os ramos caídos em vários sítios, como no pomar e campo de futebol, aproveitando a lenha. Tendo caído muitas folhas no chão, tem-se andado a varrer a folhagem nos arruamentos

e jardins. Seguiram, por uma transportadora, para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa 200 fardos de palha, necessária para alimentar os animais da vacaria.

ARRANJOS — A carrinha *Ford* ainda se encontra numa oficina para ser reparada. Entretanto, foram consertados: o tractor *MF*, a carrinha *Hyundai* e o veículo ligeiro *VW*, que depois foram à inspecção. São todos veículos muito necessários, mas com muitos quilómetros de serviço. Duas roçadouras avariaram, sendo muito utilizadas na limpeza de terrenos, e foram arranjadas. Estas facturas têm de ser pagas, pelo que pedimos ajuda aos nossos amigos... De *trilhas* que nos deram, alguns armários foram colocados na zona das roupas e várias cadeiras foram para a sala de televisão. □

BEIRE — *Flashes* do nosso quotidiano

Um admirador

1. A arte de TORNAR(-SE) voluntário. Chego e vejo o carro. Não sei se veio a equipa toda ou só parte. Mas logo penso que *elas andam por aí*. Passo pela cozinha, lugar habitual do seu paradeiro. Nada. Pergunto onde andarão. — *Estão a limpar a capela*. Vou até lá, para cumprimentar e agradecer. Porque, fazer a meditação numa capela limpinha e cuidada (mesmo que só para alguém se poder recolher ali, em silêncio e quietude, para rezar e/ou fazer meditação...), é muito diferente de entrar numa capela a cheirar a *triste abandono*. Sobretudo se isso é *assim porque* lhe roubaram o pastor...

Ao aproximar-me, deparo com um quadro que me enterneceu. Duas das senhoras da equipa de cinco andavam cá fora. Uma de sachola e outra de varriscos na mão, a limpar o ao redor da capela. Dentro, andavam as outras três — uma varria o chão, outra limpava o pó e a terceira cuidava das teias de aranha. Logo senti, bem dentro de mim, o nascer desta crónica — *a arte de tornar-se*

voluntário. Porque, por um saber de muitas experiências feito, sei que realmente o voluntariado dá muito que pensar. Daí os muitos *prós* e os muitos *contras*. Desde *o libera nos, Domine*, até ao *Te Deum laudamus* porque ainda há gente que... Daí também a necessidade de não se deixar cair na tentação de um precipitado *pró* e/ou um precipitado *contra*. É um assunto muito sério. Não se pode rejeitar em absoluto, nem se pode embarcar só em boas vontades. Porque *delas está o inferno cheio* e as instituições ditas “de caridade” chegam a ficar saturadas de *so’storbas*...

Fazer voluntariado é um assunto sério. Merece estudo e reflexão atempada. Porque cada caso é um caso — desde a pessoa que quer *vir para ajudar* até à pessoa que necessita de uma ajuda. É que, em matéria de ajuda, não há *pronto a vestir*. Sempre há que fazer uma boa *pré*+paração. Para tomar consciência de que, periodicamente, *o voluntário precisa* rever o seu conceito de *Pessoa* e o seu con-

ceito de Ajuda. Um voluntário só está em vias de poder servir para alguma coisa quando já *se sente mesmo* em processo de tornar-se voluntário. Consciente de que jamais o será como *Deus manda*. Por isso, quando entra ao serviço, não é para *mostrar saber*... Sim para trabalhar por aprender a *Ser/ Estar* com quem e onde julgamos que Deus nos chama. Conscientes de que *Deus só chama* gente que queira aprender a *estar com gente que precisa de gente*. Porque também é gente, mesmo que com limitações profundas...

Lembro a terapia de choque de P.º Baptista: — ... *Nós não precisamos, mas, se você precisa, fique*... Sei de quem foi recebido assim. Aguentaram o embate. Foram aprendendo a *tornar(-se)*. E hoje são uma bênção nesta Casa — no Calvário e/ou nos Rapazes.

2. A nossa Festa do Chuchu... Tanto vi e tanto ouvi sobre as bênçãos do chuchu que até *me apaixonei* por eles. Plantei chuchu



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

O Padre Américo, grande amigo de Deus e dos pobres, resumiu bem o testemunho vivo e permanente da acção eclesial: *A caridade nasceu na Igreja há vinte séculos e nunca saiu de ao pé da mãe*. O bem-aventurado Frederico Ozanam, fundador das Conferências de S. Vicente de Paulo, aos 23 anos [16-XI-1836], escreveu com coração de samaritano: *Só vemos a Deus com os olhos da fé, e a nossa fé é tão débil! Mas os pobres, vemo-los com os olhos da carne [...], podemos pôr o dedo e a mão nas suas chagas, e as marcas da coroa de espinhos vêem-se nas suas fronteiras*. Os Pobres são para nós a imagem sagrada do Deus que não vemos. Desde a Encíclica *Rerum novarum*, sobre a condição dos operários [15-V-1891], do Papa Leão XIII, até aos nossos dias, foi sendo elaborado um corpo de princípios, designado por *Doutrina social da Igreja*.

O II Concílio do Vaticano constitui o acontecimento mais importante da Igreja Católica, no século XX, pela sua aproximação à cultura moderna e à situação social. Em 11 de Setembro de 1962, um mês antes do seu início, o Papa João XXIII pronunciou um discurso, difundido pela Rádio Vaticano, no qual disse lucidamente: *Em face dos países pobres, a Igreja apresenta-se como é e quer ser: a Igreja de todos, mas especialmente dos pobres*. Foi o Cardeal Lercaro, Arcebispo de Bolonha, que retomou a palavra de João XXIII, com uma intervenção memorável sobre a pobreza e o serviço sacerdotal, pedindo aos Padres conciliares: *o tema central deste Concílio é a Igreja precisamente tal qual é a Igreja dos pobres*. O dominicano Yves Congar, O. P., também foi uma importante voz profética: *É uma Igreja em*

diálogo que será também uma Igreja pobre e serva, uma Igreja que tem uma palavra evangélica para todos os homens: menos do mundo e mais do mundo.

Neste sentido, o II Concílio do Vaticano, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* [21-XI-1964], proclamou: *Tal como Cristo consumou a redenção na pobreza e na perseguição, também a Igreja, para poder comunicar aos homens os frutos da salvação, é chamada a percorrer o mesmo caminho* [n.8]; e consignou com muita clareza: *a Igreja ama a todos os angustiados pelo sofrimento humano, reconhece mesmo a imagem do Seu Fundador, pobre e sofrido, nos pobres e nos que sofrem, esforça-se por lhe aliviar a indigência e neles deseja servir a Cristo* [LG 8]. Em 16 de Novembro de 1965, cerca de 40 Bispos celebraram nas catacumbas de Domitila e assinaram o chamado *Pacto das Catacumbas* — por uma Igreja serva e pobre: *Renunciamos para sempre à aparência e à realidade da riqueza [...]*. Em 7 de Dezembro de 1965, na Basílica de S. Pedro, na sessão pública de clausura do II Concílio do Vaticano, o Papa Paulo VI, no seu magnífico discurso, salientou: *Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo os quais se orientou o nosso Concílio. Com efeito, um imenso amor para com os homens penetrou totalmente o Concílio*. Na véspera, numa alocução, na linha de S. Bernardo, rejeitando a imitação dos sinais cristãos aos da nobreza, opôs-se aos *distintivos anacrónicos* [constantinianos] da dignidade episcopal: *hoje não deve ser assim...*

Sendo o primeiro pontífice a visitar Portugal, o Papa Paulo VI veio a Fátima em 13 de Maio de 1967 e afirmou convictamente: *Homens, sede homens*. Gerado no ventre do II Concílio do Vaticano,

instituiu o *Sínodo dos Bispos*, que reuniu em 29 de Setembro de 1967. A 7 de Dezembro de 1967, em simultâneo com o Patriarca Atenágoras, de Constantinopla, levantaram a excomunhão mútua. Entre outros documentos, referimos, v.g.: a Encíclica *Populorum Progressio* [26-III-1967], com a afirmação emblemática — *O desenvolvimento é o novo nome da paz*; e a Encíclica *Humanae Vitae* [25-VI-1968], sobre a doutrina moral da Igreja.

O modelo de uma *Igreja pobre para os pobres* repercutiu-se nos anos que se seguiram ao Concílio, como na América Latina, em Medellín [1968], em que a Igreja assumiu uma aproximação à situação social, com a sua opção preferencial pelos pobres e a denúncia das estruturas injustas de pecado e opressoras do povo. Entre muitos cristãos empenhados e perseguidos, um dos grandes expoentes foi o brasileiro Bispo D. Hélder Câmara, que queria ajudar a levar a Igreja aos caminhos perdidos da pobreza.

Na América Latina, a vida do Arcebispo de São Salvador, D. Óscar [Arnulfo] Romero [Galdámez], é um exemplo contemporâneo e forte de *martírio* eclesial, experimentado como pastor e profeta, que verteu sangue, antevendo oferecer a sua vida pelo rebanho: *Creio que qualquer trabalho pastoral verdadeiramente comprometido com os pobres será sempre perseguido e, talvez, isto seja um sinal que nos manifesta a fidelidade da missão profética da Igreja ao Senhor, no meio do seu povo*. O Arcebispo mártir de S. Salvador chegou a afirmar: *se me matam, ressuscitarei no povo salvadoreño*. Foi o que veio a acontecer, ao ser assassinado na manhã de 24 de Março de 1980, no altar, quando celebrava a Eucaristia. Na véspera, disse: *Em nome de Deus e desse povo sofrido, cujos lamentos sobem ao céu todos os dias, peço-lhes, suplico-lhes, ordeno-lhes: cessem a repressão*. Dos seus preciosos

Escritos inéditos (1977-1980), sob o título *A Igreja não pode calar-se*, com pensamentos e conselhos, esta dica: *Força, rapazes! Os grandes ideais não se conquistam sem esforço e sem trabalho* [2-X-1979].

Ainda do ministério petrino, em 2005, na Encíclica *Deus caritas est* [n. 28], o Papa Bento XVI afirmou: *O amor — caritas — será sempre necessário, mesmo numa sociedade mais justa*. No dia 16 de Março de 2013, o argentino Cardeal Jorge Bergoglio foi escolhido como seu sucessor; e o brasileiro Cardeal Cláudio Hummes disse ao Papa Francisco: *Não te esqueças dos pobres*. Em relação aos pobres, veio-lhe ao coração o nome de S. Francisco de Assis e afirmou: *Ah! Como gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres*. Em Novembro de 2017, pela primeira vez, foi celebrado o *Dia Mundial dos Pobres*, que instituiu e em cuja mensagem sublinhou: *Os pobres não são um problema: São um recurso de que lançar mão para acolher e viver a essência do Evangelho*.

Procurando assim um precioso tesouro espiritual, neste veio abundante encontra-se um rico filão sobre a *Igreja pobre para os pobres*, vivida por cristãos comprometidos — *samaritanos* — e sensíveis ao *clamor dos pobres*. Ficaram alinhavados apenas

pequenos fios, num percurso histórico eclesial que importa muito considerar, olhando a realidade do mundo com os olhos de Deus. É uma memória eclesial muito grata, a propósito da significativa canonização do Papa Paulo VI e do Arcebispo D. Óscar Romero, recordados pela sua fidelidade ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e amor à Santa Igreja Católica.

Excursus — Deus é amor — verdade eterna! A propósito do assunto supra, sendo *Deus também humor*, seja-nos permitido dizer o seguinte: parece-nos que a Causa de Beatificação do Servo de Deus Padre Américo, a seguir o seu curso na Congregação para as Causas dos Santos, também teria ficado bem na *Congregação para as Causas dos Pobres* (que ainda não foi criada, no Vaticano...).

Errata — No artigo *Ainda da oração em Fátima*, neste jornal, de 29 de Setembro, faltam três palavras: «[...] três simples crianças, [as duas primeiras] canonizadas a 13 de Maio de 2017: Francisco, Jacinta e Lúcia.» *Da infelicidade da composição, erro da escritura, desmancho dos números e outras imperfeições da estampa não há que dizer-vos: Vós os vedes, vós os castigais [...]* — D. Francisco Manuel de Melo [1608 – 1666]. □

VINDE VER!

Padre Quim

Continuação da página 1

No nosso campo é tempo de colheita, o milho já está maduro e pronto para ser apanhado. A batata-doce ultrapassou as nossas expectativas. Já deu para várias refeições ao jantar. A cebola está fraca e atacada pela lagarta que comeu a ramagem. A outra parte foi roubada... e não se sabe por quem? É que pela nossa Casa cruzam os terrenos dia e noite muita gente estranha. Os guardas não são capazes de guardar na totalidade os campos embora sendo uma pequena parcela. É urgente que alguém escute o clamor de quem dorme e acorda aflito pelo vandalismo com que somos confrontados todos os dias. Não quero ser praça pública. O pouco terreno que resta é património da Obra da Rua, é património dos pobres, e tem sido invadido por práticas de poluição ambiental com resíduos diversos. Estamos a remar contra a corrente em matéria de educação, pois expostos a este contexto com problemas sociais graves e desvios estimulantes de comportamentos de risco que requerem várias vezes a intervenção da polícia, vemo-nos desafiados a manter as portas fechadas e até grades nas janelas das casas de rés-de-chão para impedir que sejam assaltadas. Nesta hora resta-me suplicar a Deus que toque os corações generosos que amam a Casa do Gaiato, para que apareça a coragem, a disponibilidade e os meios para juntos darmos início à construção do muro para proteger a casa de família dos ventos violentos que desencaminham os rapazes do projecto educativo de Pai Américo que começou a germinar e precisa de crescer em ambiente seguro para que venha a florescer, ora trinta, ora sessenta, ora cem. A conclusão vem das conferências radiofónicas de Pai Américo, *“não há outro assunto aqui, que não seja a caridade. A caridade é o verdadeiro nome de Deus. É pelas obras de caridade que os homens conhecem e se apercebem da existência de Deus. A caridade é a vida de Deus em nós”*. □

em tudo quanto era *chão húmido* por perto de *ramada vazia* ou já em vias de.... — *O chuchu bebe muita água*, informavam os entendidos. Então, só precisava era que houvesse água por perto. Nasceram. Cresceram em muitos sítios. Agora, volta e meia, lá ando eu a vê-los e a deixar-me ver por eles. Lembro meu pai, um camponês de gema: — *Os campos, como os animais, gostam de ver o dono mais que uma vez ao dia...*

Nesses momentos de autêntica com+**TEMPL**+ação e muitas vezes de êxtase, sinto visceralmente a dita de **ver Deus** a revelar-Se-me. No desabrochar das sementes, das flores e dos frutos. Indescritível. É a eternidade no tempo. A experiência da alegria que abule o tempo... (*Dizem os psicólogos que, para viver-se equilibrado, toda a gente precisa de, volta e meia, passar por experiências destas, com suas emoções fortes*).

Eu tinha avisado aquela equipa

de *voluntariado de ocasião* — o tal *quinteto* de que já falei. Disse que o *Jorge já colheu os marmelos*. Logo a Dina, *chefe* da equipa, *esseemeesjou* a dizer que “na sexta-feira, pelas 15h, aí estaremos. Só as que pudermos ir, claro”. Aproveitei para acrescentar: — *Este ano, os marmelos são poucos e fraquitos. Mas... Acho que já provei doce (compota?!...) de chuchu. P.º Telmo diz que nunca provou, mas gostaria de provar. Se souberem de receitas... Tenho aqui um cesto deles à vossa espera*.

A Ana Maria, que pertence à equipa e penso que é uma *expert* em compotas e doçaria, foi ver de receitas. Antes de vir, experimentou em casa. Trouxe um boiãozinho só para podermos provar. *Uhau! Que coisa boa! Aprovado por unanimidade. Mãos à obra*. A compota ficou cinco estrelas. Tudo arrumadinho em frascos, para gestão posterior. Mas ainda sobrou um restinho para qualquer

lambarice de gasto imediato.

À noite, a sobremesa era *donuts* que o *Intermarché* oferecera. P.º Telmo tinha saído, mas chegou ainda sobre o jantar. Eu tinha posto ali a compota mais umas bolachinhas que também elas trouxeram para a tal *degustação*... Ainda antes da reza de Acção de Graça, começou a festa: bolachinha com chuchu para P.º Temo, bolachinha com chuchu para o Nelito, que se fartou de regar, mais uma bolachinha com chuchu para matar a gulodice do *Tirapicos* que estava ali com o pescoço esticado, de olhos arregalados... Fez-se uma fila indiana de *ai eu também quero provar*... Ninguém ficou de fora. E, para não ficar restos, os mais despachaditos ainda puderam repetir. — *Já não há mais ?! Oh!!!*

No silêncio da noite, dei comigo a dar graças e a pensar: *Abençoada irmã pobreza* que nos faz tão felizes com tão pouco. Deus louvado. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt

www.obradarua.pt

https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 20500

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

NOVO LIVRO

Terá o seu lançamento no próximo 27 de Outubro, na homenagem dos 131 anos do nascimento do Pai Américo, na Universidade Católica, pólo do Porto-Foz, pelas 18:00 horas.

«Foi fácil fazer esta selecção, tornada necessária pela necessidade prática de restringir o número de páginas. Fácil, já que a mensagem transmitida res-

suma de qualquer uma destas notas, meditações, crónicas do quotidiano ou poemas místicos, consoante lhes queiram chamar. Fácil ainda pela alta qualidade literária e oculta erudição que caracterizam os textos e nos fazem entender o que é o Calvário e quais os motivos de condenação deste homem, que de forma tão radical imitou o Mestre e foi lavar, de joelhos, os pés chagados e

gangrenados dos rejeitados por uma sociedade de gente esquecida, apressada ou simplesmente alienada, que se esforça por tapar os ouvidos e ignorar o grito dos abandonados.

[...]
É impossível, nesta breve notícia, dar uma imagem, mesmo que pálida, e muito menos uma descrição, mesmo que parcial, da riqueza das páginas selectas do Padre Baptista. Elas foram escolhidas, de entre as crónicas impressas em O Gaiato num arco de sessenta anos!, de modo a que nelas se reflectissem as muitas facetas do Calvário, dos seus habitantes, dos métodos, das vitórias, dos dramas e das tristezas e alegrias daqueles, doentes, voluntários, padres, que fazem do Calvário família, abrigo e vida. Acrescentamos ainda um breve «testemunho» sobre o voluntariado em hospitais e instituições que albergam doentes crónicos, em que o Padre Baptista apresenta um destilado da sua experiência e nos oferece uma visão, que diríamos doutrinal, do que é e significa para um cristão ser voluntário numa destas instituições. Faz todo o sentido este acrescento doutrinal, uma espécie de ensaio caldeado com a entrega de uma vida, que se nos apresenta como uma conclusão da meditação feita junto dos seus irmãos doentes, conclusão levada até ao limite da razão, que é onde começa o amor: "Nós precisamos de encontrar Cristo nestes doentes e deixarmo-nos seduzir por Ele. E a partir dessa sedução tudo o mais vem".»

Do Prefácio de Walter Osswald



BENGUELA

Padre Manuel António

OS filhos da rua, as crianças abandonadas, devem ser um verdadeiro tesouro para os corações cheios do Amor verdadeiro. É, sem dúvida, uma situação desumana. Acontece frequentemente que os pais são jovens entregues um ao outro pela força do prazer. O pai abandona a mãe. Acontece, normalmente, que a mãe guarda o seu filho, enquanto é pequenino. À medida que os problemas, de vária ordem, vão surgindo, o filho é abandonado. Pobre criança, autêntica vítima inocente! A nossa e vossa querida Casa do Gaiato de Benguela nasceu para ser a Casa de Família destes filhos abandonados, sem família ou tendo-a é como se não a tivessem. Este exemplo apresentado não significa que sejam unicamente estes os únicos tipos de filhos com acesso à nossa Casa do Gaiato. Ajudar cada Rapaz a ser um Homem é, sem dúvida, a nossa missão sublime.

Os filhos abandonados, nesta nossa querida Angola, devem constituir um centro de interesse dos corações que amam. Li, há dias, numa revista de qualidade, que centenas de milhares de crianças viviam abandonadas em Angola. E que mais de 4 milhões de cidadãos angolanos continuavam sem saber ler e escrever. É, sem dúvida, necessário ter um coração cheio de amor para ir ao encontro destes filhos e ajudá-los a entrar no caminho da verdadeira dignidade humana a que têm direito. Vamos abrir os nossos corações. Uma das forças mais perigosas que fecham as portas à generosidade é o amor à riqueza. É o amor ao dinheiro. Fazem-me esta pergunta com alguma frequência: "Donde vêm os meios financeiros para a manutenção da Nossa Casa do Gaiato?" São os corações bons e generosos que partilham connosco os bens de que dispõem, por amor a estes filhos. Há testemunhos maravilhosos a que temos feito referência. Nas ajudas que recebemos encontramos um auxílio que nos dá ânimo para continuarmos, em frente, com muita esperança. É, sem dúvida, uma missão que pede corações cheios de amor. Esperamos continuar a seguir convosco e com os filhos abandonados este caminho de Amor.

Nesta fase da vida da nossa Casa do Gaiato de Benguela, é necessária a renovação dalgum edifício, onde residem grupos de rapazes. Este trabalho pede-nos meios financeiros, para além das despesas ordinárias do nosso dia-a-dia. Esperamos que nos cheguem as ajudas necessárias para o cumprimento desta missão. Muitos pedidos, para o acolhimento de filhos abandonados, continuam a bater à porta da nossa Casa do Gaiato. Chegam das várias partes do Território. Vamos tentar acolher alguns novos filhos abandonados, não só no coração mas também na própria Casa, depois da reconstrução que está a efectuar-se. Só os corações que não estão apegados ao dinheiro, dominados pela avareza, podem ajudar-nos. Esperamos a ajuda do vosso coração rico do amor fraterno e disposto a partilhá-lo pelos irmãos mais necessitados. Recebi um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa e vossa Casa do Gaiato de Benguela. ☐

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Em cada edição, invariavelmente, O GAIATO assume a função de porta-voz de tantas carências que lhe são continuamente apresentadas e mais me fazem sentir a insignificância do meu gesto, apesar de o fazer com muito agrado. E mais uma vez me sinto no dever de expressar o grande apreço pelo conteúdo tão sensibilizante e rico do Jornal, que na sua simplicidade de linguagem nos enche e enriquece o coração. Está bem a condizer com a acção social em que se empenham dia após dia.

Assinante 27888.»

«Em primeiro lugar, quero agradecer por me enviarem sempre o vosso maravilhoso Jornal, que é uma autêntica delícia lê-lo do princípio ao fim. Em segundo lugar, quero pedir desculpa, estar tanto tempo sem vos ajudar minimamente com alguma contribuição. A minha vida não tem sido fácil e infelizmente vocês têm sido prejudicados com esta minha situação. Por fim, quero enviar uma pequena contribuição, pois recebi, há pouco tempo, dinheiro de um trabalho que fiz e já não me sentia bem sem dar uma pequena 'migalha' para as vossas necessidades, que são enormes.

A minha situação profissional está muito delicada, mas farei todos os possíveis para não estar tanto tempo sem vos ajudar.

Assinante 50523.»

ERA O ANO I, N.º 18

Pai Américo

Panorama Social

Às portas do Lar, em Coimbra, fui dar com um grupo de crianças esfarrapadas, à roda de uma mulher da mesma sorte.

— Fiquei viúva com 9 filhos!

Eles estão ali todos. Trata-se de uma família da Serra, fugida ao desamparo das nossas aldeias.

— Quer ir para a sua terra?

— Oh meu senhor; lá não há ninguém que tenha pena.

Passa ali casualmente o Professor Elísio de Moura, com uma das suas pupilas pela mão. Pára. Escuta. Toma uma do grupo. Eu faço o mesmo a um. A viúva agradece e lá vai desnorreada, com os sete pela mão, a pregar ao mundo o nosso desmazelo, o nosso atrazo, a nossa sostrice, ali mesmo nas barbas da sala dos Capelos, onde doutores sublimes têm seus cadeirais para fazer discursos.

Tão pobre que nem camisa tinha, ela revelara de quanto houvera rezado e chorado, ao entrar naquela manhã, as portas de Coimbra; e é muito possível que ainda hoje continue errante por outras terras, a dormir com os filhos nos beirais, que os homens de agora, por muito civilizados, esqueceram-se que somos todos membros de um mesmo corpo — Jesus Cristo.

Chora e reza, a viúva da Pampilhosa da Serra! Talvez tenha sido pastora em pequenina, tanto o amor que ora mostra, pelo rebanho que traz. Se tens alguma camisa a mais ou pano de que a possa fazer, manda para a redacção do Gaiato. Quem sabe se ela dá volta e regressa ao mesmo sítio, mostrar o sangue das feridas; - que ele é mais fácil fazê-las do que curá-las!

Eu fico de mãos postas, à tua espera. ☐

Página da OBRA DA RUA na internet



Edição de 13 de Outubro de 2018: Ano LXXV : n.º 1946



Visite o nosso site e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO nos seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. ☐